

A PERIFERIA NO CERNE DA DISCUSSÃO. Jacqueline Jaceguai Chagas Nunes dos Santos, Jair Pinheiro – Inter-áreas - Ciências Sociais – Departamento de Ciências Políticas e Econômicas – Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília.

No presente trabalho há uma análise de como ocorrem o processo de autoconstrução e as várias relações sociais nas comunidades periféricas. O local que serve de base para esta pesquisa é a Vila Barros, localizado na região periférica de Marília, um dos bairros que apresentam em sua constituição a escassez no abastecimento de recursos públicos e altos índices de criminalidade que de demonstrarem contradições entre os dados oficiais e os dados empíricos.

Os moradores da área analisada trabalham em subempregos, por isso encontram dificuldades na construção da casa própria. Nesta localidade as casas são inacabadas com infraestrutura precária sem área de lazer enfim trazem a marca da improvisação.

O cenário configura-se por casas inacabadas, a maioria construída com material barato e de qualidade inferior, sendo que é uma prática comum nesta região a improvisação de residências construídas com sucatas, plásticos, restos de móveis e materiais de grande disponibilidade no meio urbano.

Em decorrência da baixa renda e dos ínfimos recursos financeiros destinados a construção da casa própria, a expectativa relacionada à construção torna-se algo enfadonho e a morosidade neste processo desgasta o trabalhador que tem como prioridade a alimentação e em segundo lugar a construção.

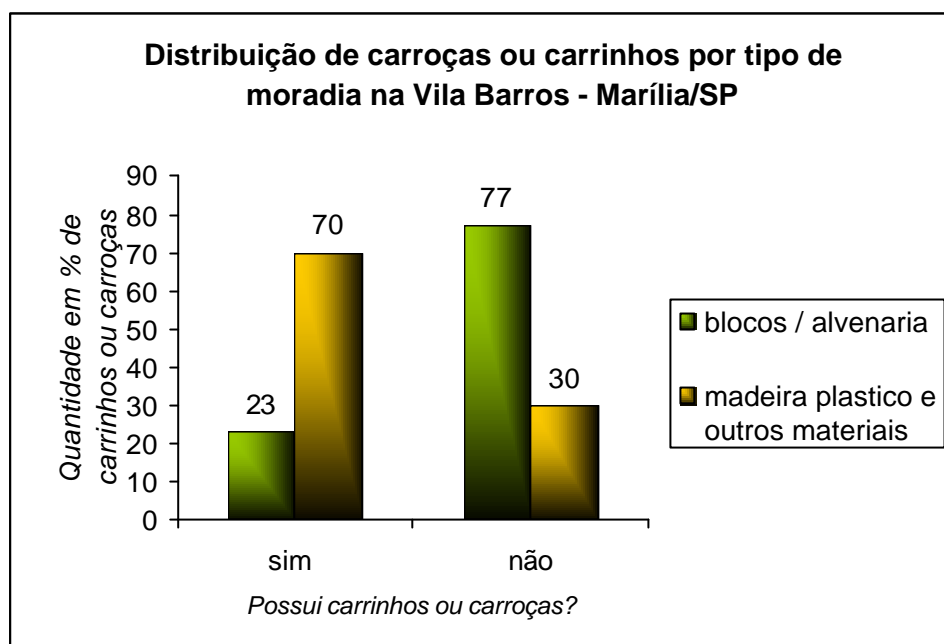
Essas moradias são normalmente construídas por meio de mutirões, nos quais, a solidariedade entre os moradores, troca de favores deriva, principalmente da necessidade de habitação. Essa tentativa de solucionar o problema da falta de moradia consiste no despêndio de energia nas horas vagas dos trabalhadores que dependem da própria força de trabalho para prover sua residência.

Além disso, apresenta-se neste trabalho os conflitos espaciais, sociais e o processo de segregação que se concatenam na composição habitacional em Marília. As relações de trabalho também são postas nesta pesquisa.

Os moradores desta região em sua maioria estão empregados em atividades de baixa remuneração, em condições de precarização na exploração da mão de obra. Em grande parte realizam trabalhos que não exijam de especializações e em muitos casos são dispensados pela mão de obra minimamente especializada que recusam trabalho que é tido como subemprego.

Outras atividades significativa na Vila Barros como fonte de captação de recursos é a dos catadores que recolhem materiais para serem reutilizados na construção de casas ou barracos; E a dos carroceiros, que compõe um cenário de miséria e constitui fonte principal de manutenção da sobrevivência de diversas famílias, como mostra o Gráfico 1 que relaciona o tipo de moradia com a atividade dos carroceiros:

Gráfico 1:



Fonte: Pesquisa feita por J. C.N.Santos, Jacqueline e Regina, Mônica.

Através da análise deste gráfico, demonstra conclui-se que a maioria dos indivíduos que possuem carroças mora em casas de madeira, plástico ou outros materiais. Os moradores usam esses materiais no processo de autoconstrução (confeção de casas, com materiais tidos como sucata por alguns ou inutilizáveis), além de revender uma certa quantidade de sucatas, para compra de alimentos normalmente insuficientes em quantidade e qualidade.

Na pesquisa de campo constata-se que a coleta de sucatas é a fonte principal de renda de muitas famílias da Vila Barros, cujos rendimentos não chegam a R\$100,00 mensais. Por meio dos dados estatísticos observa-se a existência de discrepância social e a concentração de recursos, também no interior das favelas, pois a maioria que reside em casas de alvenaria e dispõe de outras formas de captação de renda.

A dificuldade dos moradores deste bairro periférico perpassa as questões nas deficiências estruturais. Os problemas são estendidos aos embates das classes sociais e aos artifícios para a elaboração de estereótipos e estigmas sobre a origem conforme a territorialidade como estratégia de segregação urbana.

Os interesses das autoridades públicas em camuflar a existência destas ocupações precárias do solo urbano é essencialmente político. Há necessidade de se mostrar uma cidade embelezada, em que o “imediato” remeta à inexistência de misérias e condições de precarização.

Os bolsões de extrema pobreza, encobertos pela estrutura ilusória incentivada pelas políticas de urbanização, instalam-se nas áreas periféricas e acolhem em sua grande maioria a população mais desprovida de recursos econômicos em Marília.

A tentativa de se construir a idéia de uma cidade livre de cortiços, favelas, enfim moradias precárias em geral, é atuar na manutenção do mercado imobiliário para que continue sendo um negócio lucrativo e favorável as classes dominantes.

A segregação espacial pode ser detectada pelo crescimento das construções de condomínios fechados e de moradias cada vez mais marcadas pela estética da segurança.

Os moradores se vêem envolvidos em embates políticos, as constantes ameaças de despejos pelas autoridades públicas, além de encontrarem dificuldades no acesso ao mercado de trabalho devido ao local de residência.

Os moradores da região da Vila Barros encontram dificuldades no momento em que necessitam de referência de endereço residencial, já que para as instituições públicas as vias abertas pelos ocupantes não são respaldadas pela lei e não constam nos mapas oficiais. Esses moradores não têm endereço de fato respaldado pelas leis municipais, nem mesmo residência conforme a legislação vigente.

O estigma que marca os moradores da Vila Barros transpassa os muros dos condomínios e penetra no imaginário dos empregadores que receiam contratar os serviços dos ocupantes destas áreas, o que demonstra que segregação espacial se dá em diversas instâncias da questão urbana.

A precarização da ocupação do solo trás no bojo da discussão situações complexas e embates sociais que se constituem no âmago de uma estrutura urbana que apresenta em intensa dinâmica construção e desconstrução.

Neste projeto utiliza-se bibliografia referida ao tema, relatos colhidos na pesquisa de campo, dados empíricos, sistematização de dados estatísticos importante na elaboração de tabelas e gráficos. Através deste estudo pretende-se explicitar as singularidades relacionando a identidade do indivíduo junto à moradia e a estrutura urbana.

A estrutura urbana expõe o conflito de interesses pela ocupação efetiva dos espaços urbanos de acordo com as demandas sociais e conforme a influência e o poder político da classe hegemônica nesta dinâmica capitalista.

Os resultados até então obtidos na pesquisa que se encontra em andamento evidenciam as relações conflitantes pela ocupação do solo urbano conflitos estes que expressam estigmas e estereótipos como mecanismo de dominação daquelas camadas sociais que possuem recursos suficientes para definirem um padrão urbano conforme seu modo de vida que perpassa por camadas da sociedade que elabora com estigmas e estereótipos acerca da origem espacial como mecanismo de dominação.

Referências Bibliográficas

- BOURDEAU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas. São Paulo, Ática, 1983.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A Cidade de Muros. São Paulo, Ed. 34 Edusp, 2000.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. A Política dos outros. O cotidiano na periferia o que pensam do poder e dos moradores. São Paulo, Ed. Brasiliense, 1984.
- CASTELLS, Manuel. Lutas Urbanas e Poder Político.
- FOUCAULT, Michael. Microfísica o Poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
- GELLNER, Ernest. Antropologia e Política : revoluções no bosque sagrado. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.
- HANSEN BALG, Carlos Alfredo. Discriminação e desigualdades raciais no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
- KOWARICK, Lucio e BRANDT, Vinicius C. Crescimento e pobreza. São Paulo, Ed. Loyola, 1976.
- KOWARICK, Lucio. As lutas sociais e a cidade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- KUSCHNIR, Karina. O cotidiano da política . Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2000.
- LEVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. Lisboa, Ed. Presença, 2000.
- MARICATO, Ermínia. Autoconstrução e a arquitetura possível. (trabalho apresentado à XXVIII Reunião Anual da SBPC), Brasília, 1976.
- NUNES, Guida. Catumbi – Rebelião de um povo traído: um caso de especulação imobiliária. Petrópolis, Vozes, 1978.
- PEREIRA, Luiz. Populações Marginais. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. Moradia nas cidades brasileiras habitação, especulação, o direito a moradia os movimentos populares. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1996.
- SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO, Coordenadoria de Planejamento e Avaliação. Construção de Moradia na Periferia de São Paulo: Aspectos sócio-econômicos e institucionais. São Paulo, 1979.